

MARIOLOGIA LATINO-AMERICANO E MISSÃO – I

Júlio Caprani*

*Estudante de pós-graduação no ITESP.

Resumo:

A partir de uma tensão latente entre a devoção mariana e a teologia mariana, o autor elabora uma história da relação da Virgem Maria e a história da religiosidade latino-americana nos últimos séculos. São apresentados os diversos momentos da vida do povo latino-americano e as suas relações com Maria. Estes eventos se traduzem especialmente, por exemplo, em Guadalupe, Copacabana. Por outro lado, o autor, apresenta inúmeras relações entre a cultura ameríndia e o devocionário mariano.

Palavras-chave:

Mariologia; América Latina: Devoção Mariana; Devoção Mariana e Maternidade; Maria e Missão

Abstract:

From a latent tension between Marian devotion and Marian theology, the author develops a history of the relationship of the Virgin Mary and religious history of Latin American in the last centuries. Capriani presents here some moments of Latinamerican people life and their relationship with the Virgin Mary. These events are at stake especially, for example, in Guadalupe, Copacabana. On the other hand, the author presents numerous relationships between Amerindian culture and Marian devotions.

Key words:

Mariology; Latin America: Marian devotion; Marian Devotion and maternity; Virgin Mary and Mission.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem como propósito, estudar o fenômeno da mariologia latino-americana, como força para a missão. Sendo ela uma particularidade visível e forte da fé e da *experiência dos nossos povos*. Desejamos neste texto resgatar a presença de Maria na vida e na história dos povos do nosso continente, para confirmar que ela é uma figura constante desde a aurora da evangelização até os dias hoje.

Conseqüentemente, poderemos afirmar que a devoção a Maria é um elemento qualificador do cristianismo latino-americano, uma expressão vital e histórica que pertence à sua própria identidade.

Apostamos firmemente no fato de que realmente se faz necessário e é possível *romper* o cisma existente, de modo claro, entre uma devoção mariana popular e uma teologia mariana abstrata e distante do mundo e da vida do povo, o qual demonstra um grande carinho e amor pela mãe de Jesus. Propomos com este trabalho que um caminho para uma possível aproximação entre as duas realidades mencionadas anteriormente seja uma reflexão comprometida com a fé de nosso povo.

Seguiremos então o seguinte esquema: num primeiro momento, nosso objetivo será visualizar e apontar Maria na América latina, o que implica voltar um pouco no tempo e descobrir que no início da Evangelização do nosso continente temos vários dados que nos informam sobre o início da devoção e culto a Maria. Isto tentaremos demonstrar a partir de uma Maria colonizadora e conquistadora se transformando na mãe do povo ameríndio, especialmente em Guadalupe e Copacabana; são nestes eventos que Maria vai ganhando o rosto de mãe.

Também queremos abordar a questão de como a maternidade latino-americana pode ser a matriz da devoção mariana do nosso povo. Pois é a partir da forte figura da mãe que nasce este vínculo tão forte com Maria, Mãe de Deus e nossa.

Por fim, brevemente apresentaremos como a devoção mariana popular está presente no catolicismo latino americano.

Num segundo momento, a intenção será de resgatar o fenômeno da devoção mariana popular latino americana, como força para o anúncio querigmático do Reino. E principalmente ressaltar alguns elementos que fazem deste fenômeno uma força para a missão.

1. MARIA NA AMÉRICA LATINA: A EVANGELIZAÇÃO NO CONTINENTE E O INÍCIO DO CULTO MARIANO.

Neste primeiro momento, nosso objetivo será visualizar e apontar Maria na América Latina, o que implica voltar um pouco no tempo e descobrir que no início da Evangelização de nosso continente temos vários dados que nos apontam para o início da devoção e do culto a Maria. Isto o tentaremos demonstrar a partir de como Maria, colonizadora e conquistadora, foi se transformando na mãe do povo ameríndio, especialmente em Guadalupe e Copacabana. São nestes eventos onde Maria, vai ganhando o rosto de mãe.

A América Latina já desde o início de sua evangelização-conquista, reserva um lugar, um espaço muito original e autônomo à devoção mariana.

É difícil dizer que o povo (a população) que habitava o nosso continente soubesse quem era Maria. Porém, com certeza, o primeiro contato das populações ameríndias com Maria foi dado, com a chegada dos descobridores e conquistadores portugueses e espanhóis.

1.1 A Maria dos conquistadores-invasores

Vejamos a afirmação do historiador Vargas Ugarte:

ainda que seja forçado reconhecer que muitos dos conquistadores espanhóis não estiveram isentos de gravíssimos defeitos, é incontestável que a maioria eram pessoas de fé e ainda fervorosos devotos da Virgem Maria.¹

Dado muito importante para a nossa análise. Pelo que poderíamos nos perguntar diante desta provocação: qual Maria estava na fé dos conquistadores-invasores? E como ela aparecia diante do olhar dos ameríndios, os conquistados?

Sabe-se da devoção à Virgem Maria que Cristóvão Colombo tinha, sendo que ele às vésperas do seu embarque em procura das Índias, confiou sua aventura à Virgem Maria; nos estandartes dos navios estavam impressas as imagens de Jesus e de Maria. Conta-se também a história segundo a qual a segunda ilha descoberta por ele foi chamada com o nome de Conceição, e que em sua segunda viagem às Américas, **construiu a primeira igreja, consagrando-a a Jesus Cristo e à sua Mãe Santíssima.**

¹ Cf. R. VARGAS UGARTE, *Historia del culto de Maria en ibero América e de sus imagenes y santuários más celebrados*. Madrid: Jura, 1956, vol. 1. pp 10.

Também o conquistador Hernán Cortes nutria um grande apreço pela Virgem Maria, a ponto de levar sob o seu pescoço e peito uma corrente de ouro com a imagem de Nossa Senhora, a Virgem Santa Maria. Vejamos neste relato, quantos dados interessantes:

tendo desembarcado na ilha de Cosumel, os conquistadores viram num templo uma reunião religiosa de índios, e que lhes mandaram tirar daquela casa aqueles ídolos que estavam sendo cultuados. Se isto não vier a acontecer, estes levariam ao inferno suas almas e foi-lhes recomendado que colocassem no lugar dos seus ídolos uma imagem de Nossa Senhora que lhes dera Hernán Cortes e uma cruz. Diante disto os índios não se atreveram a retirar os seus 'falsos deuses' por medo a receber algum mal e propuseram aos espanhóis que eles mesmos as tirassem, sabendo que receberiam o castigo dos deuses. Assim foi, como Hernán Cortes mandou destruir todas as imagens no templo. Logo depois, mandou trazer cal que sobre abundava naquela região, para construir um grande altar onde foi colocada a imagem de Nossa Senhora e juntamente uma grande cruz de madeira.²

²Idem, p. 11-12.

Muitas histórias similares encontramos na devoção dos conquistadores à Virgem Maria, algo muito comum entre eles, na sua cultura ocidental européia.

Assim, retomando a pergunta feita acima a respeito da configuração da imagem-devoção da Virgem dos conquistadores, poderíamos chamá-la de: A Conquistadora. É evidente que as características da Virgem Maria eram as que emergiam de uma elaboração teológica muito presente na Europa ibérica após a Reforma protestante, fortemente marcada por uma religiosidade popular luso-hispânica.

Este nome dado a Maria, A Conquistadora, é altamente significativo porque comprova-se desta maneira que a Virgem Maria estava, portanto, incorporada à empresa hispânica, não só de conquista das novas terras que estavam sendo descobertas, mas que ocultava também uma espécie de *conquista espiritual* muito sutilmente.

Porém, como bem sabemos, a conquista não era tão pura, bem intencionada e desinteressada como talvez o teria sido uma mera ação evangelizadora. A história nos mostra que nem sempre foi-nos apresentado este rosto de Maria

Conquistadora. Como dizíamos, sutilmente na conquista das terras ameríndias dizia-se, como o mostra o próprio Cristóvão Colombo ao escrever aos Reis da Espanha: *espero que Deus mediante Vossas Altezas, logo nos envie pessoas devotas e religiosas para reunir à Igreja tão vastas populações e que as convertam à nossa fé.*³ Aqui podemos ver o reflexo do que estava sendo feito em nome da fé e de Deus, sem falar de que os próprios índios eram considerados seres sem alma. Mas isto seria assunto para outro estudo e aprofundamento que não é exatamente o nosso intuito.

No seu tempo, o Papa Leão XIII, por ocasião do IV centenário do descobrimento das Américas, afirmava que C. Colombo foi um homem cujo principal propósito e o que mais estava arraigado na sua alma, não foi outro a não ser o de abrir o caminho ao Evangelho por novas terras e por novos mares.⁴

Tudo isto nos mostra um amplo contraste e distanciamento entre conquistadores e conquistados, invasores e invadidos. Mas não podemos ignorar estes e outros tantos fatos que impregnam a vida e a história da nossa terra mãe. Portanto, será diante desta complexa situação de conquista que aparecerá Maria como a Conquistadora, o que originará uma ambígua teologia mariana, desde o início da fé em nosso continente.

A imagem da Virgem Maria para o nativo era aquela que estava à frente da grande devassidão e agressão, tanto militar quanto religiosa. Essa mencionada ambígua teologia mariana dar-se-á devido a que Maria aparecerá sempre ao lado de grandes e significativos estandartes da Cruz. Sendo assim, a sua imagem fica como o da Mãe de Deus. Mas, que Deus seria esse, para os índios derrotados e humilhados?

Com relação aos conquistadores, Maria é Nossa Senhora e sustento dos aflitos, aquela que intercede diante de Deus e que reza nos momentos de dificuldades. Muitas batalhas foram desencadeadas e na maioria delas se dizia: *ninguém pode duvidar que o triunfo desta conquista deve-se à Rainha do Céu, Nossa Senhora.*⁵ Mas, como sabemos, a moeda tem sempre duas faces: ao voltarmos um lado, encontraremos o outro, que nos coloca de frente com a ambigüidade. Também é bom lembrarmos que em alguns setores do ocidente cristão estava se dando uma exploração machista do culto à Virgem Maria, reduzindo o modelo mariano à *feminilidade ideal*, no sentido de se apegar a alguns aspetos e virtudes que se dizem próprios da mulher, como a modéstia, a aceitação, a passividade, a resignação, a submissão, e outros tantos, reduzindo-a assim culturalmente, alienando a integral dimensão do ser feminino. Portanto, assim se dá essa que chamamos acima de *ambigüidade da teologia mariana*.

³ Cf. R. VARGAS UGARTE, *Historia del culto de Maria en ibero América e de sus imágenes y santuarios más celebrados*, op. cit., p 6.

⁴ http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_16071892_quarto-abeunte-saeculo_en.html . acesso 02/06/2011.

⁵ Cf. R. VARGAS UGARTE, *Historia del culto de Maria en ibero América e de sus imágenes y santuarios más celebrados*, op. cit., p 18.

Portanto, olhando a história com os olhos dos vencidos e derrotados, os nativos das terras ameríndias, podemos, a partir dos estudos realizados desta cultura, dizer que desde a perspectiva indígena o problema era muito mais complexo, pois se tratava de uma guerra entre povos e além do mais, entre deuses.

Para os índios, a invasão de suas terras não foi só e unicamente obra dos espanhóis e portugueses, mas estes tiveram um grande apoio de seus deuses. Portanto, para os povos ameríndios, a Virgem Maria deveria representar o símbolo e a força dos seus inimigos, e à qual se devia a causa de sua derrota, evidentemente injusta. Assim, este é o nosso quadro e também a gênese da teologia mariana no nosso continente.

1.2 A entrada de Maria na América latina.

Aqui o nosso intuito é, a partir de alguns fatos concretos e marcantes na história Latino Americana, como as histórias de Nossa Senhora de Guadalupe e da Virgem de Copacabana, mostrar o verso da moeda, que geralmente é o lado onde encontramos a Virgem da Libertação.

Ainda tendo como pano de fundo tudo o quanto vimos anteriormente, podemos dizer e até mesmo afirmar que não foi nada fácil a chegada da Virgem Maria às terras ameríndias. Porém, como muitos estudiosos constataram, especialmente Virgilio Elizondo:

*é um fato inegável que a devoção a Maria é a característica do cristianismo Latino Americano mais popular, persistente e original. Ela esta presente nas próprias origens do cristianismo do Novo Mundo. Já desde o principio, a presença de Maria deu dignidade aos escravizados, esperança aos explorados e motivação para todos os movimentos de libertação. Igualmente, deixando de lado sua interpretação, não pode-se negar o fato da devoção a Maria.*⁶

⁶ Cf. V. ELIZONDO, Maria e os pobres: um modelo de ecumenismo evangelizador. in: VV. AA, *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Paulinas 1984, p.22.

Portanto, tentaremos mostrar a passagem que se deu, digamos assim, da Maria Conquistadora à Maria Libertadora. É neste momento de mudança profunda e radical, como nos indica a Conferência de Puebla, que se constitui a matriz religiosa e cultural do continente, com o novo rosto mestiço de Maria.

A cultura religiosa é concretamente a memória de um povo, e ponto chave para a sua compreensão é o momento que a origina.

Vejamos então estes momentos fundamentais da teologia mariana latino americana.

1.2.1 O evento Guadalupano

Sem pretensões de realizar uma apresentação apurada, nem uma análise dos múltiplos aspectos da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe, pois caberia um outro estudo, o nosso propósito é trazer à memória e ilustrar a reflexão teológica mariana com este fato tão importante.

É impossível falar de cristianismo na América Latina sem considerar o fato de Nossa Senhora de Guadalupe. Quando, em 1531, o então bispo do México Dom Frei Juan de Zumarraga devotamente encabeça a procissão desde a cidade do México ao monte Tepeyac, com a tilma⁷ do índio Juan Diego na qual apareceu impressa a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, contam aqueles que lá estiveram que um grande número de índios a chamavam de sua Mãe e que não se cansavam de repetir: *Nobre indiazinha, nobre indiazinha, Mãe de Deus! Nobre indiazinha, toda nossa!*⁸ Não é simplesmente uma anedota piedosa e passageira, mas há quem afirme que o nascimento da América Latina se dá a partir do evento Guadalupano.

*O Evangelho encarnado em nossos povos congrega-os numa originalidade histórica cultural que chamamos América Latina. Essa identidade está simbolizada muito luminosamente no rosto mestiço da Virgem de Guadalupe que surge no início da evangelização.*⁹

O que aconteceu na história do monte Tepeyac o podemos encontrar no Nican mophoua,¹⁰ escrito por Antonio Valeriano,¹¹ por volta do ano de 1549, em Tlatetolco. Falando diretamente do relato podemos dizer com certeza que esta documentação foi escrita no idioma dos próprios indígenas, o famoso Náhuatl. Pode-se perceber que os estudiosos desta documentação encontram nela um momento privilegiado, no qual se faz ameríndia a fé em Maria, e além de mais nada nos permite o contato com as bases para poder descobrir a primeira teologia latino-americana sobre a Virgem Maria.

Lembrando um pouco da história da conquista, lá pelo ano de 1519, tinha chegado Hernán Cortes e seu exército para a fase da conquista Asteca (no México). Em 1521 tinha já conseguido conquistar a capital do Império Asteca. Dez anos depois, começaram a se dar os acontecimentos de Guadalupe, num contexto pós-guerra, onde a situação era bastante crítica para o mundo indígena. Politicamente, os indígenas estavam derrotados, totalmente humilhados por

⁷ Tilma é o nome do pano rústico que vestia João Diego na hora que apareceu Nossa Senhora de Guadalupe.

⁸ Cf. R. VARGAS UGARTE, *Historia del culto de Maria en ibero América e de sus imagenes y santuários más celebrados*, op. cit., p. 164.

⁹ Puebla: A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1979, n 446.

¹⁰ Que significa na língua dos índios: *Aqui é narrado*.

¹¹ Antonio Valeriano (1520-1605) era um indígena de raça tepaneca pura. Foi aluno do Colégio de Santa Cruz, onde existiam colegiais conhecidos de três línguas: latina, espanhola e indiana.

todas as partes, ameaçados pelas doenças trazidas pelos colonizadores espanhóis, especialmente pela varíola.

Portanto, é neste contexto de tragédia, de perda total da identidade, de derrota no seu sentido mais amplo, que o índio Cuahtlatoatzin, no seu idioma Náhutl, que para os espanhóis seria chamado de João Diego (1474-1548), começou a ter encontros com Maria no monte Tepeyac.

Falando um pouco sobre as características do índio escolhido por Maria, poderíamos dizer que ele mesmo se define como: *eu sou um homenzinho, uma escadinha de Tábuas, sou cola, sou folha, ... sou gente miúda*. Mas a própria Virgem Maria vai designá-lo como: *o menor dos meus filhos*, mas olhando o náhuatl, a Virgem diz noxocoyouth, ou seja, o mesmo que dizer o oprimido, reduzido ou desprezado.

Portanto, podemos dizer que este é o índio que aparece como sinal de uma nova situação ameríndia, onde Nossa Senhora de Guadalupe privilegiaria a um pobre e simples índio com suas aparições no monte do Tepeyac,¹² lugar onde os índios veneravam Quetzalcoatl (o Senhor), junto com Ipalnemohuani (um deus conhecido como Pai e Mãe ao mesmo tempo); Tonatiuh (o novo sol); Ometeotl (o Senhor e Senhora que estão perto de nós). Estes nomes exprimem a relação de Deus não só com os seres humanos, mas também com o cosmos. É aqui, neste contexto antes da colonização, no qual eram muito frequentes tais cultos, onde a fé cristã se encarnaria no mundo mestiço latino-americano.

Tenhamos em mente que a teologia mariana que aparece no nican mopohua é plenamente tradicional, pois a Virgem Maria mesma se define como: *eu sou a sempre Virgem Santa Maria, Mãe do Verdadeiro Deus* (v. 22). Também quando Juan Diego explica a aparição, o texto indica *que em todo se descobria ser ela a sempre Virgem, Santíssima Mãe do Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 53). E ao expor para o bispo a mensagem, o índio sugere que *tomara que se acredite na sua mensagem e na vontade da Imaculada* (v. 51). Pelo que, estamos diante de uma sólida e completa mariologia. Nada de novo ao que a mariologia tradicional da Igreja vinha desenvolvendo até o aquele momento.

Mas, o que gostaríamos de ressaltar é a ótica, o olhar da nova teologia mariana latino-americana que aí está surgindo, cujo sentido mais profundo pode ser, sem dúvida alguma, o da maternidade da Virgem Maria. Maternidade esta não abstrata, mas sim dirigida a todos, com a predileção ao povo ameríndio, cuja situação tentamos apresentar no decorrer do nosso ensaio até aqui.

¹²Tepeyac ou Tepeyacac, de Tépetl: serra; Yácatl: nariz-extremo. Portanto quer dizer: *no extremo da cordilheira ou na nariz da serra*.

O interessante é que a mesma Virgem Maria se manifesta como Mãe, pedindo a construção de um lugar entre os índios, nas suas terras distantes e afastadas do México dos espanhóis e da hierarquia eclesial, lugar onde os índios já desde muito tempo cultuavam seus deuses. Ali, naquele lugar, nos extremos da cordilheira, é onde a Virgem Maria quer e deseja mostrar e doar todo o seu amor materno. De fato, repetidamente ela fez sentir sua maternidade para com o povo ameríndio, na pessoa de Juan Diego dizendo e chamando-o de *meu filho*.

Um detalhe sumamente importante é que esta Mãe de Deus e deles não vem mais montando seus pomposos cavalos e segurada pelos conquistadores espanhóis, resplandecente nos imensos estandartes; ela não é uma Mãe distante, estranha e estrangeira. Ela está perfeitamente compenetrada com a cultura e com o idioma do povo massacrado. Aqui entramos, mas não é o nosso objetivo, na grandiosidade da simbologia guadalupana, a qual pode ser entendida e captada porque faz parte da cultura e do idioma daquele povo.

Maria, em Guadalupe, é uma Mãe muito próxima, consoladora e não opressora, nem conquistadora, nem mesmo dominadora. É do lugar, do seu povo, de sua gente, da sua raça. Isto o podemos ver muito bem expresso no nican quando diz que *ela estava de pé*, ao ponto que os dominadores (tanto índios quanto espanhóis) recebiam as pessoas sentados nos seus luxuosos tronos. Isto é só um pequeno detalhe, mas que nos aporta um significado muito profundo.

Podemos dizer que a Virgem Maria em Guadalupe é uma Mãe que reconhece a dignidade dos seus filhos, ainda que estes estejam derrotados e humilhados. Por isso, ela chama o índio de:

*ivantzín Iuán Diegotzín, são palavras que sempre foram traduzidas como: Juanito, Juan Dieguito, dando-lhe uma significação comovente de ternura naturalmente materna e de delicadeza. Porém, no Náhuatl a terminação tzín também designa reverência, ou seja, é colocada também para significar reverência e respeito. Por isso, esta terminação, por exemplo, em tonasntzín, a Mãe de Deus, que ninguém traduziu no diminutivo.*¹⁵

Vejamos agora o que a própria Virgem Maria diz:

Desejo vivamente que se me construa aqui uma casa, para poder mostrar nela e doar todo o meu amor,

¹⁵ Cf. C. SILLER, Anotaciones y comentarios al Nican Mopohua. *ESTUDIOS INDÍGENAS*, 1981, 8(2), p. 242.

compaixão, auxílio e defesa, pois eu sou vossa Mãe piedosa, a ti, a todos vos juntos os moradores desta terra e aos que me invoquem com amor e em mim confiêm; escutar ali suas lamentações, e remediar todas suas misérias, penas e dores (v. 23-25).

Podemos notar que é uma mãe que deseja reconstruir a vida de seus filhos, destacando-se três notas fundamentais: a compaixão, o Auxílio e a defesa. Maria não é uma mãe qualquer, mas é definida por estas características que tentaremos mais adiante retomar, quando apresentaremos a questão da matriz da maternidade latino-americana como fundamento à devoção à Virgem Maria.

Continuando, detenhamos a atenção numa frase muito interessante do diálogo que se dá quando João Diego conversa com a Virgem Maria, por ocasião da doença terminal do seu tio João Bernardino, na qual poderemos sentir a relação familiar de mãe-filho com características totalmente próprias. Sintamo-los:

Minha menina, a menor de minhas filhas, Senhora, oxalá estejas contente. Como amanheceste? Estás bem de saúde, Senhora e minha menina? Vou causar-te aflição: sabe, Menina minha, que está muito mal um pobre servo teu, meu tio; deu nele a peste e está pra morrer (...) mas se vou fazê-lo, voltarei outra vez aqui, para levar a tua mensagem. Senhora e menina minha, perdoa-me, tende paciência de mim, não te engano, filha minha a menor, amanhã virá às presas (v. 71-74).

Maria em Guadalupe é uma mãe que confia uma grande missão ao mais pobre e fraco de seus filhos, sendo que a poderia fazer a outros, entre eles aos poderosos. Mas, ao mesmo tempo a Virgem Maria se apresenta como mãe forte e poderosa que aproveita dos restos que ficaram da conquista para construir um novo lar. Ela cura o tio de João Diego, faz com que rosas venham a nascer onde era impossível que isso acontecesse, ganha a confiança e convence as autoridades, de maneira peculiar a Dom Juan de Zumarraga, bispo do México.

Talvez possamos ainda sentir o que pode ser um dos pontos mais altos da teofania de Guadalupe, quando a Virgem Maria diz ao índio amedrontado, preso à desconfiança do bispo:

Não estou eu aqui, que sou a tua mãe? Não estás sob a minha sombra e resguardo? Não sou a fonte da tua alegria?

Não estás tu porventura na palma da minha mão, no meu regaço? Tens necessidade de alguma outra coisa? (v 76).

Isto nos coloca ainda mais no âmago dessa relação maternal, própria do lar, deixando quatro características fundamentais, da típica nantzin asteca.

Mãe é aquela que esta aqui, no lugar da angústia e da aflição, da necessidade e a que nunca abandona. Mãe é a que ampara com sua sombra, imagem significativa para o lugar geográfico onde apareceu Nossa Senhora, lugar ensolarado, quente e seco, quase um forno. É a mãe do regaço que acolhe e faz pousar sobre a palma de sua mão. Portanto e concluindo, que mais é preciso, ou de que mais um filho poderá ter necessidade? Pelo que Maria de Guadalupe atua e se manifesta como uma mãe com os detalhes descritos acima, que fez sem dúvida alguma, o povo asteca e o povo latino americano dizer: Maria é minha e nossa mãe.

1.2.2 A virgem de Copacabana

Um outro momento marcante e importante da inserção histórica de Maria na América latina é o da Virgem de Copacabana. Que como diz o historiador:

Todos os que têm se dedicado no Santuário de Copacabana, desde Frei Alonso Ramos Gavilán na história do mesmo, Frei Reginaldo Lizárraga, na sua Descrição do Peru; as cartas anuais da Companhia de Jesus, só para citar documentos do tempo, reconhecem que a imagem feita por Tito Yupanqui, foi um meio do qual a Providência se serviu para atrair os índios à fé. Por isso, escolheu a Virgem, como trono de suas misericórdias, uma região das mais povoadas do Peru e na qual tinha se consolidado a idolatria. Até a chegada da imagem às populações ribeirinhas do lago Titicaca, tinha-se pregado, certamente o Evangelho às gentes, tinham-se estabelecidos doutrinas. Porém para os cronistas daquele tempo, ainda persistiam nelas as práticas da idolatria e seu ingresso na Igreja de Cristo era, como dizia o Virrey Toledo, aparente e quase que forçada.¹⁴

A Virgem de Copacabana é uma imagem de terra, feita por volta do ano 1580, daí a sua relação entre a maternidade de Maria e a Pachamama, a mãe terra para as culturas indígenas do Peru. Na época pré-colombina já existia um afamado santuário indígena no lago Titicaca. Parece que o lugar

¹⁴ Cf. R. VARGAS UGARTE, *Historia del culto de Maria en ibero América e de sus imagenes y santuarios más celebrados*, op. cit., p. 20.

de adoração dos deuses originalmente ficava numa ilha perto do povoado de Copacabana e era um grande penhor, de onde os índios, segundo a lenda, viram sair resplandecente o sol depois de vários dias de intensa obscuridade. Uma vez conquistada a província de Collao, os Incas tomaram sob a proteção este santuário, construindo um belo templo ao deus Sol junto à pedra sagrada; numa outra ilha perto edificaram um templo à Lua, cercado-a de grandes palácios e moradas para os ministros dos santuários. Dizem que eram em grande número e quantidade os peregrinos que vinham à pedra santa, à qual não podiam se aproximar caso as consciências estivessem manchadas e sem alguma oferta concreta.

De outro lado, existia também um culto muito forte pela Pachamama, a deusa terra, entre os agricultores. Ainda hoje permanecem resquícios do culto à mãe terra, e para os indígenas é muito importante isto. Portanto, vejamos só um exemplo disto:

É a Deus a quem nós oferecemos estes sacrifícios, por isso não é idolatria. Nós pedimos-lhe nos perdoe se nós fizemos sofrer a nossa Mãe trabalhando-a, semeando e recolhendo (...) nem ao Pai eterno lhe fazemos sacrifícios de ação de graças pela fecundidade da terra, ó Pachamama, sim.¹⁵

¹⁵ Idem, p 52.

A Pachamama era, portanto, o princípio materno de identificação do mundo indígena, a mãe terna, o seio materno o qual deviam tratar com muito carinho e do qual dependia sua vida. Pachamama tinha uma representação insigne na pedra sagrada que tudo dominava.

Portanto, é neste contexto específico ameríndio que nasce um novo rosto original de Maria, a Virgem de Copacabana. Os indígenas desta terra ao se encontrarem com uma imagem da Virgem Maria esculpida pelas mãos de um filho do seu povo estabelecem espontaneamente a conexão entre Maria e Pachamama, encontrando nela o início de sua salvação.

Mais uma vez, estamos diante do princípio da maternidade como chave para a elaboração da nova teologia popular mariana na América Latina. Mas, o que no mundo Asteca era compreendido segundo a forma *nantzin*, mãe do lar, no mundo aimará e incaico se interpretará na dimensão da mãe-telúrica.

Concluindo, portanto, o culto mariano e a devoção à Virgem Maria foi-se desenvolvendo amplamente durante os séculos da colônia, mas com surpreendente matização latino-americana, seja por parte dos camponeses como para os mestiços e índios. Desenvolveu-se, assim, a consciência e a fé

em Maria como a Mãe da América Latina, consciência que se fez plena nos rudes e difíceis anos da independência política das metrópoles e com o surgimento das novas nacionalidades.

Neste período das lutas pela independência por parte das colônias da América espanhola, no início de século XIX, encontramos muito presente a figura de Maria. Tornando-se ela o símbolo do patriotismo e da consciência nacional, capaz de aglutinar a população em torno dos ideais de emancipação.¹⁶ Tal fenômeno nos mostra como a figura de Maria tinha sido assimilada e assumida na religiosidade dos povos do nosso continente.

¹⁶ Cf. J. A. CAMPANHA, *Maria na América latina, antes e depois do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 53.

1.3 A maternidade latina americana: matriz da devoção popular mariana

Gostaríamos de nos deter agora na questão de como é interessante e importante a força da figura da mãe na nossa cultura latino-americana, algo que marca os cinco séculos de história do nosso continente. É a experiência das pessoas, e quando nos referimos a esta queremos fazê-lo no seu sentido mais profundo: o da vida vivida, sentida de nosso povo, de nossas comunidades. Para tanto, basta lembrar quem é afinal a maioria dos fiéis nas nossas igrejas: são mulheres, a maioria mães, casadas, solteiras, viúvas, divorciadas, o que pouco importa diante do fenômeno da devoção à Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa. O que sim importa realmente é o papel e a missão da mulher, especialmente Maria, na vida da Igreja e do povo.

A fé geralmente é passada de geração em geração, de pais para filhos. Mas no caso de América Latina, a transmissão da forte devoção Mariana já vem desde o ventre materno, quando nossas mães rezavam o terço e Nos consagravam à Virgem de Aparecida, de Luján, de Guadalupe, etc. Enfim, falando em termos atuais e bem modernos, a devoção mariana faz parte do *DNA* no povo latino-americano.

Ao aprofundarmos anteriormente o fato e o ponto forte de como a Virgem Maria em Guadalupe e em Copacabana se revelavam como mães para o povo sofrido, isso vem de cheio ao encontro do que iremos tratar agora.

A centralidade que ocupa a Maternidade de Maria nos momentos históricos da incorporação da fé na América Latina é um dado que perdura e continua na piedade popular e, por conseguinte, na *teologia popular dos nossos povos*. O interessante disto, como dizíamos, não é somente que se

acentua que Maria é Mãe de Deus mas nota-se também a outra dimensão: Maria é a minha mãe e nossa também. Portanto, o que sobressai claramente é a relação da maternidade e filiação entre Maria e o povo latino-americano.

Tal relação afetiva e vital é fundamental para a configuração da teologia mariana na América Latina. De fato, a mera relação materna da Virgem com Deus facilmente poderia derivar numa concepção mística e utópica de tal maternidade.

Pelo que, ao estabelecer a relação materna entre ela e nós, automaticamente a maternidade fica mais incorporada à vivência da mão que ao 'nós' concreto, real e histórico. É nesse lugar privilegiado no qual serão semeadas a devoção e a piedade a Maria, e, portanto, no qual vai-se elaborar pelo próprio povo uma teologia de Maria, com sua grandeza e com os seus limites.¹⁷

¹⁷ Cf. A. GONZALES DORADOS, *De Maria conquistadora a Maria liberadora: Mariologia popular latinoamericana*. Santander: Sal Terac, 1988, p. 35.

Isto realmente nos conduz a uma aproximação da compreensão e da vivência da maternidade da mulher e mãe na nossa cultura latino americana. Com certeza podemos até cometer algum erro, ou mesmo incorrer n'algum exagero, uma vez que somos limitados diante da análise deste tema, pois os povos não são todos iguais dada a pluriculturalidade existente no continente. Mas, certamente, existem algumas dimensões comuns que configuram uma certa unidade do povo e suas culturas, e é nestas que queremos nos deter.

Há quem afirme que:

Em Maria, é, sobretudo a dimensão da maternidade que é valorizada pelo povo e, aliás, também pela tradição institucional das Igrejas cristãs. A maternidade aproxima Maria do povo (...) a mãe não é apenas a genitora, aquela que deu à luz uma criança. A mãe é um símbolo englobante que emite quase sempre energia positiva, afeto, calor, compreensão, vida. É a figura simbólica da Mãe, e de sua função na sociedade e especialmente de sua função no mundo religioso dos pobres de nosso continente. Esse símbolo materno maior tem um nome: Maria.¹⁸

¹⁸ Cf. I. GEBARA – BINGEMER, M. C. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987, p.144.

Ainda nesta linha, podemos identificar que:

Maria é a mãe, a mãe ideal, a Mãe dos sonhos, mesmo quando queremos fazê-la como qualquer Maria. Ela

*continua sempre a mais bela, a mais compreensiva, a mais bondosa, a mais carinhosa. Nosso esforço para torná-la igual denuncia nosso desejo de que ela continue a existir como diferente.*¹⁹

¹⁹ Ibidem.

Aqui é notável poder destacar que para nosso povo latino-americano a relação com Maria está na questão de salvar a vida, sua vida, seja esta pessoal, seja coletiva e cultural. Por isso que,

*A vida é um combate tão duro que a relação com Maria, a viva em Deus, cheia de ternura e poder, é direta; liga-se às necessidades imediatas da existência, visto que a vida dos pobres se desenrola fundamentalmente nesse nível. Maria tem a ver com os filhos que choram de fome, com o parto, com o abandono do marido, com a doença, com a falta de trabalho, com a roça que deu muito pouco, com a falta de moradia e outras tantas dificuldades do cotidiano da vida. Ela é o alívio pelo qual se grita: Valei-me minha Mãe de Deus.*²⁰

²⁰ Idem, p 145.

Ali surge a relação e a devoção mariana popular de nosso povo, é neste chão concreto, de baixo para cima que se firma e se consolida o amor por Maria. É pela via apofática digamos em termos da teologia acadêmica. Não é na dogmatização que vem de cima para baixo que a devoção mariana no nosso continente tem sua origem. É mais na Maria de Nazaré, mãe de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, mulher simples e de fé igual a nós.

Não é que estamos desconsiderando a teologia dogmática institucional que parte das verdades elevadas da fé, mas queremos demonstrar que esta não basta, não é suficiente no caso da vida dos nossos povos latinos americano. A teologia mariana no nosso continente parte da própria vida, da própria experiência, feita nas mais diversas e espalhadas comunidades cristãs. Ela não é uma elaboração de um discurso sistematicamente elevado e bem articulado, mas sim um desejo profundo e sincero pela vida e pela sobrevivência.

1.4 A devoção mariana presente no catolicismo latino americano

Sem dúvida alguma a Igreja latino-americana foi, é e será mariana. Seu catolicismo popular é uma testemunha viva e eloqüente desta realidade. Isto parece não só ser uma graça

de Deus, mas também, um grande desafio e uma responsabilidade que procura seriamente este ensaio situar, colocando lucidamente Maria nas mais urgentes e gritantes tarefas da evangelização do nosso continente.

A presença de Maria, ontem e hoje, é um traço distintivo do catolicismo e da religiosidade latino-americana. Este traço, é preciso deixar bem claro, não é um elemento latino-americano, algo próprio e exclusivo do continente. Mas constitui um elemento fundamental do cristianismo, que na América latina mais se realçou.

De fato, é inegável que o Evangelho, ao encarnar-se em nossa cultura, o fez com uma forte modalidade mariana que, longe de violar sua verdade, constitui justamente o caminho escolhido por Deus para guardar sua integridade e força. Essa penetração do Evangelho nas crenças e atitudes fundamentais do homem e da sociedade latino-americana é uma realidade palpável, embora necessite de purificação, de aprofundamento e de novo impulso. Maria tem sido e é fator determinante dessa penetração evangélica.

Recentemente um autor dizia:

Na América Latina e no Caribe, as atividades do povo em torno de Maria são pilares de catolicidade e constituem o polivalente e mais potente símbolo cultural. Um de seus grandes filões é o 'marianismo', que exalta o feminino e maternal, mas o subordina ao fator masculino. Em contextos modernos, o mariano contribui para re-visualizar Deus e re-configurar modos de ser cristão e contatos com o sagrado que nos humanizam.²¹

²¹ D. IRARRAZAVAL, Maria no cristianismo Latino-americano. *CONCILIUM*, 2008, 327, p. 100.

Pouco a pouco, o catolicismo latino-americano foi tomando o seu próprio rosto, sua própria fisionomia e identidade. Portanto, não foi mera coincidência que as Conferências Gerais do Episcopado Latino Americano e Caribenho, especialmente Puebla e Aparecida, tenham-se desenvolvido em torno de um lugar que identifica a fé dos nossos povos. Por isso, desde que Maria aparece na piedade popular com seus acontecimentos fundantes como Guadalupe, Copacabana, Aparecida, etc, a devoção à Mãe de Deus é uma característica *sine qua non* do catolicismo latino-americano.

Basta lembrarmo-nos que a partir da segunda metade do século XVI até os inícios das lutas de independência, na primeira metade do século XIX, surgiram os grande santuários marianos na América latina:

Guadalupe, no México; Copacabana, no Peru e na Bolívia; Nossa Senhora de Altagracia, em Santo Domingos; o Santuário de Chiquinquirá, na Colômbia; Nossa Senhora da Caridade del Cobre, na ilha de Cuba; Nossa Senhora do Caromoto, na Venezuela; Aparecida, no Brasil; a Virgem de Luján, na Argentina; Caacupe, no Paraguai; Nossa Senhora de Suyapa, em Honduras; Nossa Senhora do Carmo, no Chile. A imagem de Nossa Senhora de Luján del Pintado, venerada sob o título de Nossa Senhora dos Trinta e Três, no Uruguai, e outras tantas devoções que nosso povo vive pelo nosso amplo e diverso continente.

A figura de Maria e o parâmetro marianista manifestam-se em imaginários sociais, nacionalismos latino-americanos, fatos sincréticos, agrupamentos cristãos. Ela é padroeira oficial de países, cidades, bairros, e também é ícone de povos crentes.

Portanto, é impossível desconsiderar Maria da fé e da piedade popular do nosso povo. Em Maria há vínculos particulares que a unem a este povo e este povo a ela. O catolicismo latino-americano sem dúvida alguma vive sua unidade espiritual e eclesial graças ao fato que Maria é mãe, e nossa mãe. Basta, olhar as festas nas comunidades cristãs do nosso continente e perceber o amor que seus filhos nutrem pela mãe de Jesus, os hinos, os cantos, as procissões com belíssimos andores enfeitados, as novenas, os rosários, enfim, Maria é a ponte que nos conduz a Jesus, e por Ele chegamos ao Pai.